

A VIOLAÇÃO DAS MÁXIMAS CONVERSACIONAIS EM ENTREVISTAS COM IDOSOS QUE VIVEM EM INSTITUIÇÕES DE LONGA PERMANENCIA NA GRANDE VITÓRIA

Mariana Atallah (UFES/CAPES)
Mayara Nogueira (UFES/FAPES)
nogueiradv@hotmail.com

1. *Introdução*

O presente trabalho aborda um dos princípios vetores da pragmática griciana, denominado *princípio da cooperação*, isto é, aquele pelo qual o interlocutor deve dar a sua contribuição à comunicação. Isto ocorre porque, segundo o autor, nas trocas comunicativas há uma lógica que rege a comunicação e deve ser seguida pelos interactantes.

Nós só somos considerados pessoa humana e nos diferenciamos porque usamos a linguagem. Nós montamos uma personalidade a partir de como nos expressamos neste mundo. Somos pessoas porque falamos, porque comunicamos. Poucas vezes paramos para pensar nos mecanismos ocultos que fazem funcionar a comunicação. Não pensamos nos princípios que guiam a comunicação entre ouvinte-falante. Exige-se muito mais do que o intercâmbio de significados pré-estabelecidos. O que somos ou queremos quando usamos determinadas palavras? Essas escolhas nos mostrarão que somos e o que queremos quando falamos. As palavras que o indivíduo fala não quer dizer o que ele quer falar. A estrutura linguística não diz nem semântica nem sintagmaticamente o que se quer dizer. Considera-se a intenção. A pragmática é o aqui e agora. Leva-se em conta o outro e o que se quer que o outro queira, enquadrando-se, neste esteio, categorias tais quais a de polidez e o princípio da cooperação. Neste trabalho, de modo especial, focaremos neste ultimo enquanto dispositivo de análise.

2. *Contextualização da legislação do idoso no Brasil e no Espírito Santo*

Levando-se em conta os dados do Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE), o número de idosos cresce cada vez mais. Com base no censo do ano de 2000, são 14,5 milhões de pessoas no país, o

que corresponde a 8,6% de sua população total. Ainda segundo esse censo, Vitória é a sexta capital que mais concentra idosos, o que representa 8,9% da população desse município, ficando atrás apenas do Rio de Janeiro, Porto Alegre, Recife, São Paulo e Belo Horizonte.

Segundo o censo 2000, a população de 60 anos ou mais de idade no Brasil, era de 14.536.029 de pessoas, contra 10.722.705 em 1991. O peso relativo da população idosa no início da década representava 7,3%, enquanto, em 2000, essa proporção atingia 8,6%. Neste período, por conseguinte, o número de idosos aumentou em quase 4 milhões de pessoas, fruto do crescimento vegetativo e do aumento gradual da esperança média de vida. Trata-se, certamente, de um conjunto bastante elevado de pessoas, com tendência de crescimento nos próximos anos. (IBGE, 2002)

Por isso, tornam-se cada vez mais necessários os olhares atentos para as pesquisas que se voltem para os idosos, visto que esses indivíduos ainda sofrem processo de desvalorização, principalmente aqueles que vivem em instituições. Atualmente, essas instituições recebem diversos nomes, tais como *lar de velhos*, casa de repouso e abrigo, dentre outros. Essas denominações sugeriram para diminuir o uso da palavra *asilo*, considerada delicada e dolorosa. Segundo é estabelecido pela Política Nacional do Idoso (Decreto nº 1.948, de 1996):

Art. 3º Entende-se por modalidade asilar o atendimento, em regime de internato, ao idoso sem vínculo familiar ou sem condições de prover a própria subsistência de modo a satisfazer as suas necessidades de moradia, alimentação, saúde e convivência social.

Parágrafo único. A assistência na modalidade asilar ocorre no caso da inexistência do grupo familiar, abandono carência de recursos financeiros próprios ou da própria família. (Decreto nº 1.948, de 1996)

Há muitos casos de idosos que, mesmo morando com sua família, são descuidados, abandonados por ela, o que faz com que a situação do abandono se torne bastante complexa. Entretanto, neste trabalho focalizaremos os idosos que vivem em instituições, longe dos familiares.

Segundo o estudo do Núcleo de Estudos do Envelhecimento, da Universidade de Caxias do Sul, as causas que levam ao abandono são várias:

As situações que levam ao abandono são provocadas pela condição de fragilidade do idoso, que pode passar a depender de outras pessoas, pela perda da autonomia e da independência, pelo esfriamento dos vínculos afetivos e pela conduta do grupo de relações ou ausência dele. Ainda há situações que dependem do próprio idoso, no que se refere ao modo como se dá o enfrentamento dessas situações. Isso significa dizer que uma mesma situação pode ser motivo gerador do sentimento de abandono para uma pessoa e não o ser para

outra. Depende das circunstâncias objetivas e subjetivas de cada indivíduo. (HEREDIA, CORTELLETTI & CASARA 2005)³⁶.

O presente estudo também revelou, por meio de entrevistas com nossos informantes, que a situação de abandono acarreta sentimentos de sofrimento e que, por sua relação social no momento, a maioria prefere lembra-se das coisas do passado a falar do presente; há também casos em que a condição de abandono expressa tristeza pelo abandono da família, pela situação relacionada a sua saúde etc. Em relação a isso, as pesquisas feitas com idosos pelo Núcleo de Envelhecimento, da Universidade de Caxias do Sul,

(...) apontam para questões que dizem respeito às relações humanas, principalmente as relações interpessoais que foram construídas ao longo da vida, e que, na velhice, se desdobram com mais clareza quando da necessidade de maior atenção, cuidados diante das fragilidades decorrentes do processo de envelhecimento. Muitas das situações de sentimentos de abandono são reflexos da perda de afeto, representada pela perda do companheiro, de filhos, familiares e amigos. Quando os vínculos afetivos são rompidos e as relações se mantêm apenas por meio de lembranças passadas, o idoso percebe o quanto está só e os motivos que geraram essa condição. Muitos vivem sozinhos por escolha própria, mas não se sentem isolados devido às condições que criaram para desenvolver suas atividades de vida diária, podendo inclusive sentir solidão decorrente da sua condição humana, mas não associam o sentimento de abandono. Pode-se dizer então que existem variáveis objetivas e subjetivas que influenciam essa condição. (HEREDIA, CORTELLETTI E CASARA 2005)

Sabe-se que o número de idosos residentes em instituições em todo o Brasil ainda é desconhecido. Não se tem ainda, no Censo Nacional, o número de locais nem o número de idosos residentes. Segundo Gamburg (2006, p. 45), “a maioria destas instituições se enquadra em um modelo que, na prática, aparta o idoso da convivência com a comunidade geral, privando-o da independência e da afirmação da sua identidade”.

3. Fundamentos teóricos e metodológicos

Neste item faremos uma incursão teórica no que diz respeito ao sentido literal e sentido expresso num enunciado, dentro da perspectiva

³⁶ Esta citação é do artigo encontrado no site Portal do Envelhecimento, que apresenta reflexões sobre o tema *abandono na velhice*, com base na percepção que idosos domiciliados e institucionalizados possuem sobre o abandono. Disponível em: <http://portaldoenvelhecimento.org.br/noticias/artigos/abandono-na-velhice.html>. Acesso em: 14-03-2011.

da pragmática, e na relação destes com o que o H. P. Grice descrever como *implicatura* e seu *principio de cooperação*, para entender o fenômeno interacional dentro de um evento de comunicação entre duas entrevistadoras e entrevistados, partindo do ponto de vista da resposta destes últimos, analisando como ocorrem as implicaturas em entrevistas face a face de idosos que vivem em instituições de longa permanência.

Primeiramente pesquisamos as instituições devidamente registradas, na cidade de Vitória, capital do Espírito Santo, de acordo com a lista do Ministério Público Federal. São elas: Gobetti & Coelho – Casa de Repouso para Idosos S/S Ltda/Casa de Repouso AME (Assistência à Melhor Idade), no bairro de Jardim Camburi. Congregação das Missionárias da Caridade Madre Tereza de Calcutá, no bairro de Nossa Senhora da Consolação; Sociedade de Assistência à velhice Desamparada, no bairro Monte Belo; e Lar da Vovó Sueli, no bairro de Bonfim. Entramos em contato com essas instituições e apenas uma nos foi recusada a entrar para fazermos as entrevistas.

Fomos aos locais citados e no mesmo mês, em setembro de 2010, realizamos as entrevistas geradas com os idosos, com o consentimento formal da direção das instituições e dos entrevistados, que assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A primeira instituição visitada foi a Sociedade de Assistência à Velhice Desamparada, depois o Lar da Vovó Sueli e por último a Congregação das Missionárias da Caridade Madre Tereza de Calcutá. Em todas as três instituições a comunicação com a direção não foi difícil e, inclusive, fomos muito bem recebidas.

Em janeiro de 2012 entramos em contato com outras duas instituições, dentro da Grande Vitória, a primeira delas situada em Cariacica Sede, denominada Avedalma – Abrigo Velhice Desamparada Auta Loureiro Machado e, a segunda, localizada na cidade de Serra, no bairro Jardim Limoeiro, intitulada Abrigo dos Velhos Abel Lino Portela. Na instituição Avedalma, em princípio, não houve grande embaraço para o levantamento do *corpus*, no entanto, num segundo momento, a política da instituição tornou-se um tanto mais rígida, o que dificultou a continuidade do trabalho. Já no Abrigo dos Velhos Abel Lino Portela, fomos bem recebidas e pudemos desenvolver a pesquisa sem maiores dificuldades.

Primeiramente tentamos estabelecer um numero fixo de idosos entrevistados para cada instituição, mas, ao entrarmos no campo, percebemos que isso era impossível, haja vista muitos deles não terem condições de conversar por motivos de doença, por se recusarem a ser entre-

vistados ou mesmo por problemas de dicção. Procuramos, então, selecionar os entrevistados junto à Direção de cada Instituição e manter as mesmas perguntas para todos:

- Sobre a vida pessoal: o nome completo, onde nasceu, se tem filhos, os melhores amigos;
- Sobre a vida profissional: em que trabalhava, se gostava do trabalho;
- sobre a vida atual: como é a vida dele na instituição, do que mais gosta, a relação com a família;
- Comparações entra a vida no passado e a atual: qual foi a melhor fase de sua vida, como foi a vida, se tem planos para o futuro.

Em seu artigo “Logic and Conversation” (1982), Grice dá o seguinte exemplo: Um indivíduo (A) está conversando com o indivíduo (B) sobre (C) que está, atualmente, trabalhando num banco. O indivíduo (A) pergunta a (B) como está a situação do emprego de (C). A resposta de (B) é a seguinte: “Oh, muito bem, eu acho; ele gosta de seus colegas e ainda não foi preso”. (GRICE, 1982, p. 84) O autor mostra que a resposta de (B), apesar de dizer que o (C) está bem, *implica-se* no momento que diz que ele ainda não foi preso, que poderia ter acontecido, já que é um tipo de pessoa que pode não aguentar a pressão do trabalho e fazer algo que o leve a prisão. Foi do termo *implicitar*, que Grice construiu o termo *implicatura*.

Segundo Françoise Armengaud (2006, p.87), a implicatura “corresponde, em linguagem comum, à sugestão e à insinuação. Grice distingue as implicaturas conversacionais ou discursivas e as implicaturas convencionais ou lexicais”. Esta última, a convencional, é a implicatura que está presa ao significado convencional das palavras, já a conversacional é aquela que não depende da significação usual, sendo determinada por certos princípio básicos do ato comunicativo.

A presença de uma implicatura conversacional deve poder ser deduzida, elabora; pois, ainda que possa ser intuitivamente compreendida, se a intuição não for substituída por um argumento, a implicatura (se presente) não contará como implicatura CONVERSACIONAL; será uma implicatura CONVENCIONAL. (GRICE, 1982, p. 92)

É nessa linha de pensamento que se formulou o *princípio da cooperação*, um princípio geral, em que se estabelece: “Faça sua contribuição conversacional tal como é requerida, no momento em que ocorre, pe-

lo propósito ou direção do intercâmbio conversacional em que você está engajado”. (GRICE, 1982 p. 86)

Grice, então, “cunhou o princípio em quatro máximas, cuja distribuição e denominação foram tomadas de empréstimo à tabela dos juízos de Kant. Elas especificam o princípio em questão segundo as rubricas reconhecidas por Kant como presidindo nossos juízos.” (ARMANGAUD, 2006 p. 98)

- A. Máxima da Quantidade:** A.1) Faça com que sua contribuição seja tão informativa quanto requerido (para o propósito corrente da conversação); A.2) Não faça sua contribuição mais informativa do que é requerido.
- B. Máxima da Qualidade:** B.1) Não diga o que você acredita ser falso; B.2) Não diga senão aquilo para que você possa fornecer evidência adequada.
- C. Máxima da Relação:** C.1) Se relevante.
- D. Máxima do Modo:** D.1) Seja claro; D.2) Evite obscuridade de expressão; D.3) Evite ambiguidade; D.4) Seja breve; D.5) Seja ordenado.

Apesar de haver outras máximas, Grice acredita que essas quatro são suficientes em relação a implicatura conversacional, produzido-se nos seguintes casos:

- *quando o falante obedece às máximas:* o ouvinte entenderá com menos esforço. Por exemplo: (A) Nossa, esqueci minha caneta. (B) Eu tenho uma azul e uma preta. Nesse exemplo, estamos diante de um ato de fala indireto, uma vez que, diante do princípio da cooperação, ao trazer esses objetos para o enunciado, implica-se o oferecimento das canetas.
- *quando parece violá-las, mas não o faz:* em alguns casos o falante parece violar as máximas, por exemplo: um professor de filosofia escreve uma carta para recomendar um aluno para uma vaga no curso de doutorado em filosofia. Diz-se: “Senhor X assiste sempre as aulas, faz pontualmente todos os trabalhos e se expressa com propriedade”. Podemos perceber que o professor, em momento algum, não indica o grau de conhecimento do aluno que o capacita para fazer um curso de doutorado em filosofia. Por isso, o destinatário fará a

implicatura que o Senhor X não possui os requisitos para frequentar um doutorado de filosofia.

- *quando tem que violar para não violar outra de maior importância*: também chamado de “choque entre as máximas”, às vezes damos uma informação aproximada, porque não sabemos ao certo. Por exemplo: se alguém perguntar onde fica o Cube X, e o informante não sabe ao certo, diz: pega essa reta, passando pelos correios. Quem recebe a informação pode imaginar que não há cooperação, pois a informação é insuficiente, ou implica-se que o informante não sabe bem onde fica e é tudo que sabe sobre o assunto. Ainda que a máxima de qualidade parece ser a hierarquia mais alta do que as outras, há alguns falantes que preferem mentir a passar por pouco cooperativos.
- *quando viola uma máxima deliberadamente*: também chamada “violação ostensiva”, deixa ao ouvinte no dilema de perceber ou não a observância do falante ao Princípio de cooperação. Por exemplo: um menino, pela décima vez pergunta a sua mãe: “quando vamos comer, mamãe?”, e ela responde: “quando esta senhora que está escrevendo agora terminar de fazer seu trabalho e se levantar da cadeira e ir à cozinha e pôr a comida para esquentar”.

4. A violação das máximas conversacionais em entrevistas com idosos que vivem em instituições de longa permanência

O presente corpus, como aludido no tópico anterior, apresenta 19 entrevistas, gênero textual na modalidade oral e de domínio jornalístico, o qual, de acordo com Marcuschi (1988, p. 53), “não é apenas um tipo de discurso, mas um mecanismo de controle de um indivíduo sobre o outro, o que pode ser considerado um poder institucionalmente derivado, ou seja, intrínseco ao tipo de evento”.

O objeto deste estudo é analisar a (in)existência e o modo como ocorrem as implicaturas conversacionais em interação face a face, através de entrevistas, com idosos residente em instituições asilares. Pôde-se perceber que a quebra da *máxima da relação* (“Seja relevante”) se deu com maior frequência (53 ocorrências nas 19 entrevistas, com média de 20 minutos de duração), seguida das *máximas da qualidade* (30), de *quantidade* (22) e de *modo* (07). Em razão da limitação de um artigo, não pudemos analisar todas as ocorrências de quebra das máximas conversa-

cionais encontradas no corpus levantado, por este motivo, selecionamos alguns trechos que cremos ser mais ilustrativos.

ENTREVISTA COM A INFORMANTE S.R.F.

01	Entrevistadora	é mesmo... e agora vamos falar de coisas boa... dos presentes que você me deu, que você gosta muito de arte... é... você sempre teve essa facilidade é.. é.. você sempre teve ou você começou aqui a fazer essas coisas?
02	Informante	Eu desde criança eu já fazia casinha de boneca... de tijolo... botava lampadazinha neles... fazia móveis... aí eu fazia um curralzinho... tinha minhas ovelhas... meus bichinhos... tudo de osso... mocotó da vaca... da canela... papai comprava carne... tinha abatedouro... ele comprava mamãe fazia mocotó... então eu dizia... mamãe deixa eu comprar esses bichinhos que é pra mim fazer esses bichinhos pra minha fazenda (risos).
03	Entrevistadora	(risos)
04	Informante	Então... juntava seus ossinhos... secava... repartia um pouco com meus irmão e um pouco era meu..a fazendinha era separada pra não dar briga né?...
05	Entrevistadora	(risos)
06	Informante	(risos) ah eu andava de cavalinho de pau... carrinho de lomba.
07	Entrevistadora	Nossa... como é diferente, né?
08	Informante	Ah... eu gostava muito de brincar na cachoeira... lá em casa tinha uma... pescar depois de meio-dia... às vezes a gente pescava... mas não pescava coisa nenhuma... (risos)
09	Entrevistadora	(risos)
10	Informante	Tudo coisa de criança... subir nas árvores... comer frutas depois do meio-dia nós ia dormir na rede eu e meu irmão subia nas árvores aproveitar pegar aquelas frutas lá bem maduras no pátio, né? ..em torno do... ah... a mamãe tá cansada de procurar lá na casa... quando ela olha tá lá na ponta da árvore.. crianças desçam daí porque senão vai quebrar o braço uma perna...você vão ver quando vocês descerem daí olha aqui ó... olha... o gesto (risos)
11	Entrevistadora	(risos) e saíam correndo né? (risos)
12	Informante	Nós vínhamos voando e não sei o que deu, quando a gente viu já caímos no chão... ela batia com o joelho no chão... assim... e nós... os velhos... (?) da bolha... eu corria pra casa do vizinho (risos) era uma coisa... era um troféu... mas foi a melhor coisa da minha vida que foi a minha infância... fui criada no campo...
13	Entrevistadora	Não tinha aquelas preocupações, né?
14	Informante	É... sem problemas... sem preocupação... sem estresse...
15	Entrevistadora	Melhor remédio pra todo mundo, né?
16	Informante	Longe da violência... não existia tanta violência como existe hoje... sequestro relâmpago...

Essa parte da conversa é interessante, pois essa pessoa no início, não queria ser entrevistada. Koch (2007, p. 125) diz que cada indivíduo

tem uma face externa e uma interna. No caso dessa informante, ela mostrou inicialmente possuir um território íntimo que não gostaria de ser invadido, isto é, queria preservar sua face íntima. Depois que viu outras pessoas serem entrevistadas, ela se interessou e disse que só responderia as perguntas depois que lêssemos seu caderno, uma espécie de diário.

Sua caligrafia era de difícil compreensão, além do que tivemos que voltar no outro dia, pois não havia tempo para lermos suas anotações e entrevista-la depois. Mas era interessante a ideia e a aceitamos. Como resultado, essa foi a conversa em que encontramos mais *footings* diferentes. Vemos que, a partir do questionamento sobre suas produções artísticas antes de entrar na instituição, a informante respondeu mais livremente sobre sua infância, interagindo melhor na conversa, comportando-se com mais fluidez e espontaneidade, linguística e paralinguisticamente.

Percebemos também que, nesse tipo de situação, a contribuição da Pragmática é importante. As constantes risadas durante a conversa nos fazem refletir sobre o apoio, ou podemos até dizer a garantia de compreensão e interação da informante em relação ao ouvinte. É a partir daí que se observa uma prática constante entre os interlocutores, chamada *estratégias conversacionais*. Koch (2007, p. 79) nos mostra alguns exemplos de estratégias, dados por Grice:

1. Se perceber que o parceiro já compreendeu o que você pretendia lhe comunicar, a continuação de sua fala, na maioria das situações, se torna desnecessária;
2. Logo que perceber que o ouvinte não o está entendendo, suspenda o fluxo de informação, repita, mude o planejamento ou introduza uma explicação;
3. Ao perceber que formulou algo de forma inadequada, interrompa-se imediatamente e corrija-se na sequência. (KOCH, 2007, p. 79)

No caso do diálogo acima, as atividades de fala expressas de maneira positiva fizeram-nos entender que os interlocutores conseguiram interagir frente a frente e tiveram a mesma vontade de colaborar com a construção da conversa em si. A risada foi, de certa maneira, o principal fator para a informante continuar contando sua história de forma mais prazerosa. Esse tipo de estratégia, conforme Goffman (1974) conceitua, designa não só elementos verbais, mas também prosódicos e não linguísticos, desempenhando uma função interacional qualquer na fala.

ENTREVISTA COM O INFORMANTE M.A.O

01	Entrevistadora	Aí você sabe tudo de casa né... E... e você tem filhos?
02	Informante	Nunca me casei...

Observa-se, no trecho acima, uma quebra da máxima da relação, isto é, a contribuição dada não fora apropriada à necessidade imediata, já que quando se questiona “você tem filhos” a resposta que satisfaria o interlocutor seria “sim ou “não”. No entanto, não é de se olvidar a lógica que se está por detrás da afirmação “nunca me casei”: só está legitimado a ter filhos aquele que é (ou foi) casado. Daí possível implicar que por não ter se casado, o informante não poderia ter filhos.

ENTREVISTA COM A INFORMANTE M.

01	Entrevistadora	Você gosta de morar aqui?
02	Informante	Eu quero ir pra casa!

Nesta estrutura tópica é possível perceber mais uma vez a quebra da máxima da relação no momento em que a resposta dada pela informante não guarda relação com a pergunta feita pela entrevistadora. Entretanto, pelo dito “eu quero ir pra casa”, implica-se querer estar num lugar em que não é aquele em que está; isto é, não estar onde é o objeto de seu desejo, logo, uma insatisfação, o “não gostar”.

O verbo “morar”, via de regra, nos remete a uma noção de lar, casa, morada. Dentro do contexto em que se encontrou a entrevista (instituição asilar), o advérbio “aqui” ancora o lugar de onde se fala. Ao dizer “eu quero ir pra casa”, cremos, que a informante concebe este lugar não como “casa”, para onde ela quer (e gosta de) viver.

ENTREVISTA COM A INFORMANTE L.

01	Entrevistadora	Você tem quantos anos?
02	Informante	Vinte e dois!

Neste segmento há uma ruptura da máxima da qualidade, isto é, aquela por meio da qual o interactante deve fazer uma contribuição que seja verdadeira. Tendo em vista que a informante é uma idosa, a resposta não é verossímil.

ENTREVISTA COM A INFORMANTE D.

01	Entrevistadora	Nossa... a minha memória é muito ruim... muito ruim... não lembro nada...
02	Informante	Eu também não lembro... do meu.. meu... lembro também... lembro muito não.... agora eu lembro de alguma coisa... mas assim...muita coisa não lembro não....

03	Entrevistadora	Acho que você é uma das que estudou mais tempo aqui...
04	Entrevistadora 2	Mais tempo aqui..mais estudos você..é..
05	Entrevistadora	Pelo que eu to perguntando..
06	Informante	Mas é... aqui... não tinha... é.. que aqui eu to estudando também... era a professora acho que... vai vim em fevereiro... ela desde mil novecentos... e... dois mil e oito...dois mil e nove que ela ta aqui....

ENTREVISTA COM A INFORMANTE M.B.

01	Informante	Pior ainda NE... minha filha mora em Cobilândia.. alaga também...
02	Entrevistadora	Alaga tudo..
03	Informante	Alaga até o teto... ela é muito sabida... viu... quando saiu daqui... pra substituir... conhece tudo... tudo... ele tirou o passaporte dela.. ela quis ir né...

A categoria de *modo*, segundo Grice (1982, p. 87), está relacionada não ao que é dito, mas “*como* o que é dito deve ser dito”, postulando no teórico a supermáxima: “Seja claro”. Entretanto, por se tratar de entrevistas numa instituição asilar e, por óbvio, com idosos, devemos ponderar aquilo que afirma Dino Preti (1991, p. 27)

Considerando-se o problema dos idosos velhos³⁷, é possível afirmar que, em geral, o envelhecimento afeta sua condição de relacionamento social pela linguagem. Assim, as causas de natureza física, decorrentes da idade, que interferem, de maneira às vezes decisiva, nas atividades dos idosos, quer sobre sua vida exterior, quer sobre suas reações psíquicas, seu poder de reflexão e análise, atingem consideravelmente sua capacidade comunicativa e receptiva e, por conseqüência, a própria habilidade conversacional.

Os fragmentos acima transcritos nos revelam a quebra da máxima de modo, bem como a premissa griciana (1982) “seja ordenado”, pertencen-

³⁷ Dino Preti, em seu livro *A Linguagem dos Idosos* (1991, p. 16), trabalha “unicamente com falantes acima de 80 anos – os chamados “idosos velhos”, por julgar “que é mais ou menos a partir dessa idade que, em geral, o indivíduo assume definitivamente a velhice, em decorrência, provavelmente, da perda mais acentuada das habilidades psicofísicas”.

cente àquela máxima. Em ambos os momentos percebemos que as informantes possuem dificuldade em responder os questionamentos de modo claro e coerente. Muito embora tal máxima seja quebrada, o que dificulta o curso da conversação, tem-se que tal quebra está para além da cooperação conversacional: está-se diante de barreiras de ordem psíquica e física.

ENTREVISTA COM A INFORMANTE F.

01	Entrevistadora	Quantos filhos você tem?
02	Informante	Eu tenho oito filhos vivos, eram nove filhos, né. Agora tem só oito, em nome de Jesus. Um já é pai de família. O Sebastião.. Ele é..Já é avô, a filha mais velha dele, um casal, o filho e a filha mais casou...Tá só a menina que é a última, que eles num vão ter mais, né. Tá com dez ano, ta estudando.
03	Entrevistadora	Como que é assim... como que é a relação que você tem com o...você... tem alguém que você consegue conversar?
04	Informante	Eu converso com todo mundo [Risos]
05	Entrevistadora	Com todo mundo? [Risos]
06	Informante	Eu converso muito [Risos].. uma tal de faladeira... mas eu falo só o que... de razão né... eu não falo mentira ne ofendo ninguém não...a gerente, a dona daqui.. tudo gosta... ela já falou.. meus trens tá tudo arrumado tem mais de mês esperando, mas por causa dessa chuva.. quando ela falou... vamos mãe... Ibatiba tem um pedaço lá que é de chão... então..tem um a lugar que se chama Volta da Ferradura..caiu muita gente de lá... parece que tem medo né.. quando ta na chuva assim... o carro pode disparar e.. eu queria ta em todo lugar né... Deus ta em toda parte...

ENTREVISTA COM A INFORMANTE D.

01	Entrevistadora	Então a senhora nunca casou?
02	Informante	Eu casei sim... casei com acordo... casei a força não... encravei a força.... eu tinha treze ano quando me encravaram... com um tal de Seu Ataíde... não valia nada... casei a força... não assinaliei papel de casamento... não fui lá no cartório da ordem pra ninguém assinar... quatro vezes ele foi lá onde.. eu tava na casa da minha irmã... que eu tava trabalhando na corporativa que a gente tava né... tava trabalhando na cooperativa.. mas só de segunda a sexta..aí eu fiquei enchendo bomba d'água...enchendo a caixa d'água pra mim não ir no cartório... pra não ir né.. pra eles não fazer papel de casamento lá... não fazer nada...pegaram e fizeram por conta dele...o Seu Ataíde assinou... o desgraçado fez eu casar com ele a força..e R.P. pegou um trocado e assinou... um tal de R. P. velho... puxando o saco dele... por que ele não deu a filha dele pra casar? Ataíde ficou atrás de mim né?!...

Segundo Grice, a categoria da quantidade está relacionada à quantidade de informação, assim, conforme pudemos notar nos fragmentos acima, os informantes contribuem com mais informação do que lhes é requerido. De sorte que “tal superinformatividade pode causar confusão na medida em que é capaz de gerar questões secundárias” (GRICE, 1982, p. 87)

A informante “F”, ao responder se realmente conversa com todos, é superinformativa, ultrapassando aquilo que lhe foi indagado e fugindo, ao cabo de sua resposta, do cerne da questão. Culminando em “Deus está em toda parte...”. Da mesma maneira, a informante “L”, rompe com tal máxima quando lhe é questionado se já havia se casado.

5. Considerações finais

Partindo da análise realizada, pôde-se constatar que a quebra de máximas conversacionais mais recorrentes foi a da relação. Tendo em vista que as entrevistas foram feitas com idosos que vivem em instituições de longa permanência, tal dado é significativo na medida em que estes indivíduos sofrem devido à limitação de ordem psíquica e sociocultural.

Embora Grice (1982) tenha elaborado o princípio da cooperação considerando todos os interactantes, independente da idade, percebemos que, em se tratando de linguagem, variáveis como idade e saúde são significativos. No que tange à existência ou não de estratégias no uso das quebras das máximas, almejamos investigá-las em um trabalho posterior.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARMENGAUD, Françoise. *A pragmática*. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2006.

GOFFMAN, E. *Frame Analysis*. New York: Haper & Row, 1974.

GRICE, H. P. Lógica e conversação. In: DASCAL, M. (Org.). *Fundamentos metodológicos da linguística*, vol. IV. Campinas, 1982.

HEREDIA, V. B. M.; CORTELLETTI, I. A.; CASARA, M. B. *Abandono na velhice*. Textos envelhecimento [online]. 2005, vol. 8, n. 3, p. 307-319. Disponível em:

<http://revista.unati.uerj.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-59282005000300002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 13-06-2012.

IBGE, Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo demográfico – Perfil dos Idosos Responsáveis pelos Domicílios no Brasil 2000*. Rio de Janeiro: IBGE, 2002.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. *Análise da conversação: Princípios e métodos*. Tradução Carlos Piovezani Filho. São Paulo: Parábola, 2006.

KOCH, I. G. V. *A interação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Manifestações de poder em formas assimétricas de interação. *Investigações*, Recife, vol. 01, p. 51-70, 1988.

PRETI, Dino. *A linguagem dos idosos: um estudo de análise da conversação*. São Paulo: Contexto, 1991.